

Estratégias de tradução de nomes próprios da Língua Portuguesa para a Libras em contexto de interpretação simultânea midiática

Strategies for translating proper names from Portuguese to Libras in the context of simultaneous mediatic interpretation

Fabíola Sucupira Ferreira Sell *

Gabriele Cristine Rech **

Janete de Melo Nantes ***

Resumo: Este estudo tem por objetivo descrever as estratégias de tradução de nomes próprios de pessoas adotadas em interpretação simultânea midiática do português brasileiro para a Libras. Utiliza-se como abordagem teórica os estudos antroponomásticos e os estudos da tradução. Como metodologia, foram analisadas as estratégias de tradução de nomes de pessoas públicas, realizadas no programa Roda Viva da TV Cultura, que contam com a presença de tradutores e intérpretes de língua

* Doutora em Linguística. Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. E-mail: fabiola.sell@udesc.br

** Doutora em Letras. Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: gabriele@uems.br

*** Doutoranda em Letras. Professora da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. E-mail: janetenantes@ufgd.edu.br

de sinais. Como resultados, aventaram-se hipóteses de possíveis estratégias de tradução, as quais foram parcialmente confirmadas. Como conclusões, observou-se a predominância do uso do sinal de nome em Libras nos casos em que este existia, bem como a utilização de apontação em contextos midiáticos.

Palavras-chave: Antroponomástica; Tradução e Interpretação; Libras; Sinal de nome.

Abstract: This study aims to describe the translation strategies of people's proper names adopted in mediatic simultaneous interpretation from Brazilian Portuguese into Libras. Anthroponomastic studies and translation studies are used as a theoretical approach. As a methodology, the translation strategies of names of public people were analyzed, carried out in the program Roda Viva on TV Cultura, which have the presence of sign language translators and interpreters. As a result, hypotheses of possible translation strategies were suggested, which were partially confirmed. As conclusions, it was observed the predominance of the use of the name sign in Libras in the cases in which it existed, as well as the use of pointing in mediatic contexts.

Keywords: Anthroponomastics; Translation and Interpretation; Libras; Name sign.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo descrever as estratégias de interpretação para a língua brasileira de sinais (Libras) dos nomes próprios de pessoas públicas, adotadas em interpretações simultâneas midiáticas, a partir dos estudos antroponomásticos.

O léxico pode ser definido como um “conjunto de palavras de uma língua, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade” (SEABRA 2006: 1953). Para Biderman (1996), o léxico de uma determinada língua designa uma forma de registrar o conhecimento do universo, assim, quando o homem nomeia referentes, ele os classifica. A ciência que se debruça ao estudo do léxico é denominada Lexicologia, que se divide em diversas áreas dentre as quais encontra-se a Onomástica.

A “Onomástica integra-se à Lexicologia” (SEABRA 2006: 1953), uma vez que investiga uma parte do léxico de uma língua: os nomes próprios, os quais estão profundamente arraigados na tradição e na vida diária das pessoas, podendo, conforme Ullmann (1964), revelar aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais de um determinado grupo. Amaral (2011) aponta que os nomes próprios são uma classe composta por diversos itens nominais, contudo, até o momento, a Onomástica divide-se em duas principais áreas: a

Toponomástica - dedicada ao estudo dos nomes próprios de lugares - e a Antroponomástica - voltada ao estudo dos nomes próprios de pessoas.

Seide (2016), ao analisar 33 artigos publicados nos Anais do 24º Encontro do Conselho Internacional de Onomástica - *International Council of Onomastics* (ICOS), identificou que a Antroponomástica, foco deste artigo, pode dialogar com outras ciências como, por exemplo, a História, a Literatura, o Direito e os Estudos da Tradução, demonstrando a riqueza dos estudos na área.

Este artigo procura integrar a Antroponomástica e os Estudos da Tradução aplicados às línguas de sinais, uma vez que se propõe a investigar as estratégias adotadas por tradutores e intérpretes da língua brasileira de sinais/língua portuguesa (Libras/LP) quando se deparam, em traduções simultâneas televisivas, com nomes próprios de pessoas.

No contexto brasileiro, a legislação tem buscado promover a inclusão e a acessibilidade na televisão. A Libras é reconhecida como forma de comunicação e expressão da comunidade surda no Brasil pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e é a principal forma de comunicação utilizada por essa comunidade. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, estabelece diretrizes para a inclusão e acessibilidade em diversos setores, incluindo o audiovisual. Essa lei prevê a obrigatoriedade de acessibilidade comunicacional em programas de televisão, garantindo o direito de pessoas surdas ou com deficiência auditiva de receberem informações por meio da interpretação em Libras. No entanto, como apontam Nascimento e Nascimento (2021), a maioria dos programas de televisão ainda é produzida apenas em língua falada, excluindo as pessoas surdas da compreensão dos conteúdos apresentados.

Na primeira seção deste artigo, apresentamos algumas considerações a respeito dos estudos antroponomásticos; na sequência, trazemos tais estudos para a área das línguas de sinais. Em seguida, contextualizamos a interpretação simultânea em contextos midiáticos para então traçar os procedimentos metodológicos e apresentar a descrição e análise dos dados. Por fim, são apresentados os resultados, as conclusões e possibilidades para pesquisas futuras.

1. Os Estudos Antroponomásticos

Conforme anunciamos anteriormente, a Antroponomástica é “a subárea da Onomástica que investiga os nomes próprios de pessoas” (AMARAL; SEIDE 2020: 28). Segundo Guérios (1973), o termo “antroponímia¹”, em Língua Portuguesa, foi utilizado pela primeira vez por J. Leite de Vasconcelos, em 1887, na Revista Lusitana.

No contexto brasileiro, Amaral e Seide (2020) apresentam uma proposta de classificação dos antropônimos, os quais são divididos em dois grandes conjuntos: os nomes pertencentes ao registro civil, como o caso dos prenomes, sobrenomes e agnomes, e os nomes que não pertencem ao registro civil, como os apelidos, hipocorísticos, pseudônimos, nomes de urna, dentre outros. Para fins deste artigo, no quadro (1) abaixo destacamos algumas definições propostas pelos autores:

Quadro 1: Definições dos tipos de antropônimos

TIPO	DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Prenome	Antropônimo que distingue o indivíduo dentro dos grupos sociais de maior intimidade. Antecede o sobrenome e pode ser simples, composto ou justaposto.
Sobrenome	Antropônimo que identifica o pertencimento do indivíduo a uma família. Geralmente provêm dos genitores e sucede o prenome.
Apelido (ou alcunha, ou cognome)	Antropônimo que se atribui a um indivíduo geralmente por outra pessoa e que costuma aludir a uma característica física ou intelectual ou ainda a um fato ou comportamento social.
Nome artístico (e nome de palco)	Antropônimo empregado por um indivíduo em lugar do seu nome civil e pelo qual se faz conhecido em sua atividade profissional, especialmente em áreas como música, cinema, teatro, televisão e afins.
Nome de urna	Antropônimo escolhido pelo candidato às eleições proporcionais para registrar-se na Justiça Eleitoral.
Nome parlamentar	Antropônimo escolhido pelo indivíduo eleito a cargo legislativo para ser usado em documentos oficiais da casa legislativa.

Fonte: Adaptado de Amaral e Seide (2020)

Os nomes próprios de pessoas, além de fazerem parte do cotidiano das pessoas, segundo Ainala, Saarelam e Sjöblom (2016), possuem uma função

¹ O *International Congress of Onomastics Sciences* (ICOS 2011) propôs uma diferenciação entre os termos Antroponomástica e Antroponímia. Segundo a proposta, o campo de estudos dos antropônimos é denominado como Antroponomástica e o conjunto desses nomes é denominado antroponímia.

sociocultural extremamente forte, funcionando tanto como uma ferramenta de identificação quanto de classificação social dos indivíduos. No Brasil, por exemplo, um sobrenome, além de revelar a família à qual um indivíduo pertence, pode evidenciar a sua posição social, pois, por meio dele, é possível reconhecer se o indivíduo pertence ou não a uma família com grande posição social.

Já os nomes de urna são previstos na Lei n° 9.504/1997 e suas alterações, que estabelece as normas para as eleições. Em seu caput, lê-se:

Art. 12. O candidato às eleições proporcionais indicará, no pedido de registro, além de seu nome completo, as variações nominais com que deseja ser registrado, até o máximo de três opções, que poderão ser o prenome, sobrenome, cognome, nome abreviado, apelido ou nome pelo qual é mais conhecido, desde que não se estabeleça dúvida quanto à sua identidade, não atente contra o pudor e não seja ridículo ou irreverente, mencionando em que ordem de preferência deseja registrar-se (BRASIL, 1997, s.p.).

Amaral e Seide (2020) afirmam que, se o político for eleito, o nome de urna poderá transformar-se em nome parlamentar. Esse nome, segundo o parágrafo primeiro da Resolução n° 17/1989 da Câmara dos Deputados, “compôr-se-á, salvo quando, a juízo do Presidente, devam ser evitadas confusões, apenas de dois elementos: um prenome e o nome; dois nomes; ou dois prenomes” (CÂMARA, 1989, s.p), embora alguns nomes não sigam essa norma como o caso “dos nomes parlamentares dos deputados federais”: Beбето, Padre João e André Fufuca (AMARAL; SEIDE 2020: 98).

1.1 Estudos Antroponomásticos nas Línguas de Sinais²

Os nomes próprios de pessoas, em todas as culturas, de acordo com Mckee e Mckee (2000), podem ser percebidos como uma mina que tem o potencial de fornecer informações identitárias, históricas e linguísticas. Chamamos os nomes próprios de pessoas na Libras como “sinal de nome”, o

² Embora consideremos o título desta seção como “Estudos Antroponomásticos das Línguas de Sinais”, ressaltamos que algumas pesquisas apresentadas aqui não foram realizadas dentro do escopo dos Estudos Onomásticos, mas se propuseram a considerar questões culturais e linguísticas dos nomes próprios de pessoas nas línguas de sinais.

qual foi definido por Rech (2022) como um antropônimo (nome próprio de pessoa) criado para referenciar uma única pessoa dentro das comunidades surdas, formado e percebido por meio do canal gestual-visual.

Autores como Mckee e Mckee (2000), pesquisadores da Língua de Sinais da Nova Zelândia, apontam que os sinais de nome são atribuídos quando os surdos entram em contato com outros surdos que usam a língua de sinais, e, tipicamente, essa nomeação ocorre nos ambientes escolares. No contexto das pessoas surdas, um sinal de nome pode ter a função de “ênfatisar o sentimento de união” (PAALES 2011: 49).

Rech (2022), a partir de um estudo baseado nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, identificou que os nomes próprios de pessoas na Libras refletem uma característica saliente realçada no momento da atribuição de um sinal de nome, ou seja, eles são motivados.

Uma comunidade surda não é formada apenas por surdos, mas também agrega pessoas ouvintes, tais como familiares, amigos, intérpretes e militantes dos direitos dos surdos (STROBEL: 2008). Essas pessoas recebem um sinal de nome em diversos espaços onde ocorre o encontro surdo-ouvinte, como em contextos religiosos, educacionais, familiares, dentre outros (RECH: 2022). Quando uma pessoa ouvinte recebe um sinal de nome, esse pode cumprir a função de inclusão a uma determinada comunidade surda (BÖRSTEL 2017).

Os sinais de nome também podem ser considerados um “meio linguisticamente eficiente de referência pessoal” (MCKEE; MCKEE 2000:1), uma vez que os surdos se comunicam a partir de uma língua visuoespacial. Nesse sentido, outras pessoas que não fazem parte da comunidade surda, mas precisam ser recorrentemente referenciadas, também recebem um sinal de nome, tais como políticos, artistas, jogadores de futebol, autores/pesquisadores, dentre outros (RECH; SELL: 2020).

Rech (2022), a partir de um estudo antroponomástico comparado entre a Libras e a Língua Portuguesa, assinala que, cronologicamente, geralmente uma pessoa recebe primeiro um nome civil - aquele registrado no cartório - e, ao longo da vida, pode receber um sinal de nome. Entretanto, em termos de ordem funcional, quando uma pessoa está em uma situação real de comunicação na comunidade surda, um sinal de nome cumpre uma função

primária, “uma vez que eles são utilizados nos processos de identificação e referenciação, enquanto os nomes na Língua Portuguesa só são utilizados nas apresentações e quando o referente não possui um sinal de nome” (RECH 2022:74).

Neste artigo, tratamos de uma outra situação não observada por Rech (2022): os contextos de tradução e interpretação de Língua Portuguesa para Libras. Na análise a ser considerada, apesar de a interpretação ter como foco as pessoas surdas, há de se considerar o discurso realizado em Língua Portuguesa, observando, inclusive, os gêneros discursivos utilizados na língua fonte. No contexto analisado encontramos o gênero apresentação pessoal, realizado tanto na forma de apresentação de uma pessoa, com menos formalidade, quanto a apresentação de uma minibiografia, com um pouco mais de formalidade. Nesse contexto, portanto, estamos considerando a apresentação de uma pessoa e a minibiografia como pertencentes ao gênero apresentação pessoal, uma vez que aparentemente apresentam funções sociais semelhantes na prática discursiva que analisamos.

1.2 A interpretação simultânea na perspectiva dos Estudos da Interpretação e o contexto midiático

Os Estudos da Interpretação (EI) e os Estudos da Tradução são ambos campos acadêmicos vitais dentro do grande domínio dos estudos da linguagem, mas têm focos e métodos distintos. De acordo com Gile (2009), o campo dos Estudos da Interpretação (EI), foco deste estudo, concentra-se na análise e compreensão da interpretação oral ou de sinais de uma língua para outra. Sendo assim, a interpretação simultânea (em que a interpretação ocorre ao mesmo tempo que o discurso original) requer uma capacidade de compreensão e produção de linguagem extremamente rápida e precisa.

Já os Estudos da Tradução, por outro lado, focam-se na tradução escrita entre línguas. Este campo de estudo abrange uma variedade de questões, incluindo, mas não se limitando a, tradução literal vs. idiomática, tradução de

poesia e literatura, questões culturais na tradução e o uso de tecnologia na tradução (como no caso da Tradução Automática).

Não obstante os Estudos da Interpretação tenham tradicionalmente focado nas interpretações entre línguas que utilizam a modalidade vocal-auditiva, ou seja, interpretações intramodais, o interesse na interpretação envolvendo línguas de sinais, que se enquadram na modalidade gestual-visual, tem crescido, como apontam Quer e Steinbach (2019). Este aumento de interesse, de acordo com Nascimento (2016), amplia as possibilidades de investigação para além da modalidade intramodal, introduzindo uma nova dimensão de estudo, a modalidade intermodal.

Nesse sentido, este estudo se dedica à análise da interpretação simultânea interlingual e intermodal do português brasileiro para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos audiovisuais de mídias televisivas. Conforme enfatizado por Nascimento (2021:128), essa prática específica objetiva a realização de uma interpretação simultânea do português brasileiro para Libras durante transmissões de programas televisivos. Essencial para assegurar a acessibilidade das pessoas surdas, possibilita a transmissão efetiva e compreensível da mensagem original, ao transitar da modalidade vocal-auditiva para a gestual-visual.

A abordagem interlingual parte o conceito apresentado por Jakobson (1959) em sua tipologia tripartida de tradução. Esta se contrapõe à tradução intralingual e intersemiótica. Jakobson (1959) conceitua a tradução interlingual como a interpretação de conteúdo verbal de uma língua para outra. Este conceito se estende atualmente tanto a línguas de modalidade vocal-auditiva ou visual-gestual. A tradução intralingual, por sua vez, é a reinterpretação do conteúdo dentro da mesma língua, enquanto a intersemiótica concerne à transposição de um sistema de signos para outro.

Neste trabalho, seguimos Rodrigues (2018:113) ao adotar o termo intermodal (interpretação entre línguas de modalidades distintas), em contraposição ao termo intramodal (interpretação entre línguas de mesma modalidade). Já a interpretação simultânea é definida por Gomes (2022:68) como a tradução que ocorre com “sobreposição temporal, mesmo que mínima,

entre a mensagem emitida em uma língua e a sua reformulação pelo intérprete em outra”.

No que se refere às possíveis indagações que a modalidade linguística pode introduzir ao entendimento, à descrição, ao funcionamento e à estruturação da competência específica da interpretação, é relevante questionar se as habilidades necessárias dos intérpretes que trabalham entre duas línguas auditivo-vocais (sejam elas escritas ou faladas) se assemelham às exigidas dos intérpretes de línguas de sinais, que atuam entre uma língua auditiva-vocal (escrita ou falada) e outra gestual-visual (escrita ou sinalizada).

Nesse sentido, Rodrigues (2018:306-308) destaca dois impactos significativos que a linguagem pode ter nos processos de interpretação intermodal: primeiro, a necessidade de uma performance corporal-visual do intérprete durante a interpretação para a língua de sinais; e segundo, a ocorrência potencial de mistura de línguas durante a interpretação intermodal, também conhecida como *code-blending*.

Quanto à performance corporal-visual, o autor ressalta a inseparabilidade do intérprete da língua-alvo quando esta é uma língua de sinais. Isto é devido ao fato de que os intérpretes intermodais precisam estar continuamente visíveis para o público, pois seus movimentos corporais compõem a língua de sinais que contém suas próprias peculiaridades linguísticas.

O foco do nosso estudo trata da tradução interlingual, intersemiótica e intermodal, uma vez que analisamos a interpretação simultânea do português brasileiro para a Libras: duas línguas em modalidades diferentes e que por vezes acionam contextos de tradução intersemiótica.

1.3 A tradução de nomes próprios nos Estudos da Interpretação

Dentre os pesquisadores da área da tradução, não existe um consenso em relação à tradução, ou não, de um nome próprio. Conforme Aguilera (2008), não há uma resposta para tal embate, o que vai decidir se a tradução ocorrerá,

ou não, depende da macro e microestrutura de cada texto. Um texto, a depender do público ao qual ele vai atender, pode exigir a tradução ou a conservação de um nome próprio.

No que cabe à interpretação, especificamente às demandas intermodais, Gomes (2022) relata que os processos são desafiadores, na medida em que essa identificação nominal pode ocorrer por meio dos sinais de nome - os quais o autor denomina de sinais-pessoais - ou por meio da datilologia, quando estamos diante de situações reais de interpretação na direção das línguas de sinais para a Língua Portuguesa.

Em suas análises, Gomes (2022) investigou 47 palestras e comunicações orais proferidas em Libras, interpretadas para a Língua Portuguesa, oriundas do V e VI Congresso Nacional de Pesquisas em Linguísticas de Línguas de Sinais, promovidos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) nos anos de 2016 e 2018. Ao analisar as traduções da Libras para a Língua Portuguesa, o autor encontrou as seguintes categorias, no quadro (2):

Quadro 2: Categorias de tradução de nomes

RÓTULO	DESCRIÇÃO
Nome	Produção somente do nome.
Sobrenome	Produção somente do sobrenome.
Nome + Sobrenome	Produção do nome e do sobrenome.
Omissão	Quando há a omissão do nome e/ou do sobrenome.
Expressão referencial	Produção de alguma expressão referencial (e.g., pronome, autor) em substituição ao nome e/ou sobrenome.
Erro	Produção equivocada do nome e/ou do sobrenome.
Titulação + Nome	Produção com a inserção de um título (e.g., professor) acrescido do nome.
Titulação + Sobrenome	Produção com a inserção de um título (e.g., professor) acrescido do sobrenome.
Titulação + Nome + Sobrenome	Produção com a inserção de um título (e.g., professor) acrescido do nome e do sobrenome.
Outros	Produção em uma maneira não contemplada pelas demais categorias.

Fonte: Gomes (2022: 76)

No que cabe à análise de nomes próprios de pessoas em interpretação de situações reais da Língua Portuguesa para Libras, ainda não identificamos nenhum trabalho que trate da temática. Assim, partindo da proposta de Gomes

(2022), aplicada na direção da LP para a Libras, temos como hipótese as seguintes possibilidades de interpretação, conforme quadro (3):

Quadro 3: Proposta de possibilidades de tradução de sinais de nome

SINAL DE NOME	APENAS O SINAL DE NOME É PRODUZIDO
Sinal de nome+prenome	O sinal de nome é produzido, seguido do prenome por meio da soletração manual.
Sinal de nome+prenome+sobrenome	O sinal de nome é produzido, seguido do prenome e sobrenome por meio da soletração manual
Prenome	Soletração manual apenas do prenome
Sobrenome	Soletração manual apenas do sobrenome
Prenome+Sobrenome	Soletração manual do prenome e do sobrenome
Sinal de nome	Apenas o sinal de nome é produzido
Sinal de nome+prenome	O sinal de nome é produzido, seguido do prenome por meio da soletração manual.
Sinal de nome+prenome+sobrenome	O sinal de nome é produzido, seguido do prenome e sobrenome por meio da soletração manual
Prenome	Soletração manual apenas do prenome
Sobrenome	Soletração manual apenas do sobrenome

Fonte: As autoras (2023), com base em Gomes (2022)

Nesse sentido, acreditamos que este artigo poderá trazer mais uma contribuição para a temática, quando se propõe a descrever as estratégias de tradução de nomes próprios de pessoas públicas, adotadas em interpretações simultâneas midiáticas, a partir das hipóteses aqui levantadas.

2. Metodologia

O presente estudo visa descrever as diferentes estratégias de interpretação dos nomes próprios de pessoas adotadas pelos tradutores e intérpretes de língua de sinais, em contextos de interpretações simultâneas midiáticas.

Para alcançar o objetivo traçado, analisamos quatro excertos de vídeos extraídos do programa Roda Viva da TV Cultura, os quais contam com a presença de tradutores e intérpretes de língua de sinais. Para selecionar os vídeos, optamos pelos seguintes critérios: que os entrevistados fossem políticos conhecidos nacionalmente, que já foram candidatos à presidência da República e que já foram nomeados em Libras por meio de um sinal de nome. Assim, os

dados analisados são oriundos de entrevistas com as seguintes personagens públicas: Marina Silva³, Simone Tebet⁴, Fernando Haddad⁵ e Ciro Gomes⁶.

Os excertos analisados contemplam a parte inicial da entrevista, em que a apresentadora e jornalista Vera Magalhães, âncora do programa, apresenta o/a entrevistado/a e os/as entrevistadores/as. Todos os vídeos são compostos por quatro momentos principais: no primeiro, a apresentadora faz uma breve contextualização acerca do/a entrevistado/a e, ao final, cita seu nome. Em seguida, por meio de um locutor, é apresentado, resumidamente, o currículo do entrevistado. Na terceira parte a âncora do programa apresenta os/as entrevistadores/as e, por fim, a âncora do programa comenta se o programa contará ou não com os desenhos realizados pelo cartunista Paulo Caruso.

Os quatro vídeos são interpretados por três intérpretes, dois do sexo masculino e uma do sexo feminino, e todos são identificados neste artigo por uma letra do alfabeto. Os vídeos de Marina Silva e Fernando Haddad foram interpretados pelo intérprete A; o vídeo de Ciro Gomes foi interpretado pelo intérprete B e o vídeo de Simone Tebet, pela intérprete C.

Para realizar a análise pretendida, analisamos as escolhas interpretativas feitas pelos intérpretes para os nomes próprios de pessoas separadas em quatro momentos. No primeiro, tratamos das partes dos vídeos em que a âncora do Programa Roda Viva anuncia o/a candidato/a a ser entrevistado/a e focamos apenas nos sinais de nome dos presidenciáveis. Em seguida, analisamos as partes dos vídeos que tratam das apresentações das biografias dos candidatos. Na sequência, abordamos as partes dos vídeos que apresentam os entrevistados. Por fim, tratamos de outros nomes próprios de pessoas que aparecem nos vídeos analisados, como os nomes próprios citados na apresentação e na biografia dos políticos e do cartunista que aparece ao final do vídeo.

³ Disponível em: <https://youtu.be/VKYGIYjOvNg>. Acesso em 15 de jun. de 2023.

⁴ Disponível em: <https://youtu.be/hqreRWEaRFI?list=PL6zZkMrBoEjyfLf7ezka6L0BRvvzfk8Rg>. Acesso em 15 de jun. de 2023.

⁵ Disponível em: https://youtu.be/hsJ6_ilnxpo?list=PL6zZkMrBoEjyfLf7ezka6L0BRvvzfk8Rg. Acesso em 15 de jun. de 2023

⁶ Disponível em: <https://youtu.be/V-8cDUXthpU?list=PL6zZkMrBoEjyfLf7ezka6L0BRvvzfk8Rg>. Acesso em 15 de jun. de 2023.

3. Análise dos dados

Na abertura dos programas, após dar as boas-vindas, a apresentadora Vera Magalhães faz uma breve contextualização e anuncia o nome do entrevistado da noite. No quadro (4) abaixo, transcrevemos na primeira coluna os trechos que precedem o nome dos políticos e na segunda coluna, a forma como os nomes próprios foram traduzidos:

Quadro 4: Descrição da tradução dos nomes próprios

TRANSCRIÇÃO DA APRESENTAÇÃO FEITA PELA VERA MAGALHÃES	INTERPRETAÇÃO DO NOME PRÓPRIO
“[...] O Roda Viva recebe [...] o candidato ao PDT à presidência da República Ciro Gomes”.	Sinal de nome do entrevistado + apontação para a imagem do entrevistado
“[...]está conosco nesta noite o candidato do PT ao Governo de São Paulo, Fernando Haddad”	Sinal de nome do entrevistado
“[...]Recebemos no centro do Roda Viva [...] Marina Silva.”	Sinal de nome da entrevistada
“[...] O Roda Viva recebe [...] Simone Tebet”	Sinal de nome da entrevistada

Fonte: As autoras (2023)

Conforme anunciamos anteriormente, um dos critérios para a escolha dos vídeos diz respeito ao entrevistado possuir um sinal de nome, pois estamos tratando dos nomes próprios na Libras. O quadro (4) mostra que a apresentadora utilizou os nomes parlamentares escolhidos pelos candidatos e os intérpretes optaram pela utilização apenas do sinal de nome, não utilizando a soletração manual do nome apresentado. Dentre esses, contudo, um dos intérpretes, além do uso do sinal de nome do entrevistado, aponta para a sua imagem que aparece no vídeo, conforme figura (1), o que não estava previsto em nossas hipóteses.

Figura 1: Apontação utilizada pelo Intérprete A no ato interpretativo



Fonte: Canal Roda Viva, Roda Viva | Ciro Gomes | 15/08/2022, 27 de junho de 2023, Disponível em: <https://youtu.be/V-8cDUXthpU?list=PL6zZkMrBoEjyfLf7ezka6L0BRvvzfk8Rg>

Esse recurso de apontação pode estar ligado ao contexto midiático, gerando uma interpretação, além de intermodal, também intersemiótica, uma vez que se associam elementos visuais, os quais permitem a referência por meio da apontação a um ente representado visualmente por imagem no momento do discurso.

Já na segunda parte do vídeo, uma narradora apresenta uma minibiografia dos autores, o que, aparentemente, tem um caráter um pouco mais formal. Nas apresentações dos candidatos a narradora apenas falou o nome completo de Marina Silva (Maria Osmarina da Silva Vaz de Lima) e Fernando Haddad. Os nomes completos de Ciro Gomes (Ciro Ferreira Gomes) e Simone Tebet (Simone Nassar Tebet) não foram pronunciados. No quadro (5) abaixo, elencamos as escolhas realizadas pelos intérpretes para a interpretação desses nomes próprios:

Quadro 5: Tradução dos nomes dos candidatos na minibiografia

NOME DO ENTREVISTADO	INTERPRETAÇÃO DO NOME PRÓPRIO	INTÉRPRETE
Ciro Gomes	Sinal de nome do entrevistado	A
Fernando Haddad	Apontação para a imagem do entrevistado	B
Maria Osmarina da Silva Vaz de Lima	Soletração manual M-A-R-I-A + Sinal de nome da entrevistada	B
Simone Tebet	Sinal de nome da entrevistada	C

Fonte: As autoras (2023)

O quadro (5) mostra que dois intérpretes utilizaram apenas o sinal de nome do entrevistado, o que já era previsto por nós. O intérprete B mais uma vez utilizou o recurso de apontação para a imagem do entrevistado, contudo, omitiu, nesse momento, o sinal de nome do entrevistado. No caso de Marina Silva, ele utiliza do recurso da soletração manual do nome M-A-R-I-A, seguido do sinal de nome, omitindo as outras partes. Percebe-se que a estratégia de tradução mais utilizada é a utilização do sinal de nome, que no caso de Marina Silva ainda foi acrescida de seu prenome, mas na ordem inversa (Prenome soletrado + Sinal de nome) àquela que havíamos previsto no quadro (3). Mais

adiante veremos que essa estratégia se repete em outro nome próprio. Destaca-se mais uma vez a apontação exclusiva em contexto midiático.

A terceira parte das análises diz respeito à tradução dos nomes dos entrevistadores. Em todos os casos analisados, a âncora do programa apresenta cinco entrevistadores por meio de seus nomes e sobrenomes. O intérprete A realiza a soletração manual apenas do prenome. O intérprete B, quando interpreta a entrevista de Fernando Haddad, utiliza mais uma vez a apontação para a imagem, seguida da soletração manual do prenome, contudo, no vídeo em que interpreta a entrevista de Marina Silva, usa apenas a datilologia do prenome em quatro situações e, na última, acrescenta a apontação para a imagem do entrevistador, o que demonstra não haver uma padronização, embora chame a atenção mais uma vez a utilização da apontação. Já o intérprete que atua na entrevista de Simone Tebet faz a soletração manual de quatro entrevistadores e, no caso da jornalista Thaís Oyama, utiliza ainda o seu sinal de nome.

Por fim, vamos tratar de outros nomes próprios de pessoas que apareceram no decorrer dos vídeos, quer seja nos momentos introdutórios feitos pela âncora, quer seja nas biografias. Descrevemos também qual foi a estratégia utilizada pelos intérpretes ao interpretar o nome do cartunista Paulo Caruso. O quadro (6) abaixo apresenta os dados encontrados. Na coluna da esquerda, destacam-se os nomes próprios anunciados por vezes como prenome, nome completo, nome de urna ou nome parlamentar conforme Amaral e Seide (2020):

Quadro 6: Estratégia de tradução para nomes próprios de pessoa citadas durante as entrevistas

NOME DO PERSONAGEM	INTERPRETAÇÃO DO NOME PRÓPRIO	INTÉRPRETE
Itamar Franco	Soletração de I-T-A-M-A-R + sinal de nome	A
Lula	Sinal de nome	A/B/C
Tarcísio de Freitas	Sinal de nome	B
Dilma	Sinal de nome	B
Jair Bolsonaro	Sinal de nome	B
Luis Inácio Lula da Silva	Sinal de nome	B
Chico Mendes	Soletração de C-H-I-C-O-M-E-N-D-E-S	B
Eduardo Campos	Soletração de E-D-U-A-R-D-O	B
Bolsonaro	Sinal de nome	C
Mara Gabrilli	Sinal de nome	C
Paulo Caruso	Sinal de nome	A/B/C

Fonte: As autoras (2023)

Conforme exposto no Quadro (6), a maioria dos intérpretes optou pelo uso dos sinais de nome de políticos conhecidos nacionalmente, como é o caso dos ex-presidentes Lula, Bolsonaro e Dilma. No caso do ex-presidente Itamar Franco, optou-se pela soletração do primeiro nome, seguido do sinal de nome do político. A escolha pela soletração do nome de Chico Mendes, pode ter ocorrido em virtude de este não possuir um sinal de nome, ou ser desconhecido pelo intérprete, contudo, no caso do ex-presidenciável Eduardo Campos, a opção pela soletração apenas do primeiro nome pode não deixar claro para o usuário da Libras quem seria, especificamente, a pessoa mencionada. Por fim, todos os intérpretes apenas realizaram o sinal do cartunista Paulo Caruso.

As estratégias utilizadas para a tradução dos nomes próprios citados nas entrevistas estão, em sua maioria, de acordo com as hipóteses que levantamos. Porém, o que encontramos na descrição das traduções de nomes próprios que não havíamos previsto foi a apontação em contexto midiático e ainda a sequência inversa de prenome mais sinal de nome, nos dados de Marina Silva (Quadro 5) e de Itamar Franco (Quadro 6).

Rech (2022) considera que, em momentos de apresentação pessoal, geralmente utiliza-se da datilologia do nome da pessoa apresentada, seguida do sinal de nome. A omissão dos prenomes dos candidatos pelos intérpretes pode ter sido ocasionada por duas questões: 1) eles já são conhecidos nacionalmente, o que não necessitaria fazê-lo ou 2) nas traduções simultâneas busca-se, muitas vezes, estratégia mais rápida como o uso do sinal de nome ou mesmo da apontação.

Isso pode explicar por que a hipótese Sinal de nome+prenome+sobrenome, em que o sinal de nome é produzido, seguido do prenome e sobrenome por meio da soletração manual, não foi utilizada no contexto analisado. Por fim, evidenciou-se que, de modo geral, a estratégia mais utilizada pelos intérpretes foi a utilização do sinal de nome quando este existia, ou seja, destaca-se a predominância no nome próprio na língua de sinais nos casos em que preexistia a nomeação em Libras.

Considerações Finais

Este estudo se debruçou sobre a descrição da tradução de nomes próprios do português brasileiro para a Libras em contexto midiático. Destaca-se, seguindo Van Langendonck (2007), a necessidade de estudos referentes aos nomes próprios, preteridos em relação a outras categorias gramaticais por um longo tempo. No caso dos nomes próprios em línguas de sinais, encontramos situação análoga, com poucos estudos dedicados a entender os fenômenos que envolvem essa categoria gramatical.

Neste artigo, portanto, propomos estratégias de tradução de nomes próprios baseadas em Gomes (2022), as quais foram de maneira geral confirmadas e acrescidas de apontação e da inversão da hipótese de tradução Prenome + Sinal de Nome, com destaque para a prevalência do sinal de nome sobre a soletração do nome em português nos casos em que os nomeados já tinham um sinal de nome em Libras.

Resta ainda analisar questões referentes ao uso da apontação como estratégia de tradução intersemiótica em contextos midiáticos, bem como entender o uso do prenome mais sinal de nome nos casos de Marina Silva e Itamar Franco. Há que se analisar ainda tais estratégias de tradução sob a ótica de pessoas surdas, a fim de entender se a falta de soletração do prenome e o sobrenome juntamente com o sinal de nome não prejudicam o entendimento sobre a pessoa nomeada nesse contexto de tradução. Nós autoras, como ouvintes, recebemos a informação do nomeado na língua fonte e na língua alvo, o que nos impede de entender a experiência de uma pessoa surda no contexto aqui descrito.

Por fim, esperamos que este estudo tenha trazido reflexões para pesquisas futuras que se debrucem sobre a tradução de nomes próprios do português para a Libras.

Referências

- AINIALA, T.; SAARELMA, M.; SJÖBLOM, P. Name in focus: an introduction to Finnish Onomastics. Finlandia: Studia Fennica Editorial Borad, 2016.
- AGUILERA, E.C. The Translation of proper name in children's literature. Porto: E-F@bulations, v.2, jun.2008.

- AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v.55, n.2, pp.63-82, 2011.
- AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. Nomes próprios de pessoa: introdução à antropônimo brasileira. São Paulo: Blucher, 2020. Disponível em: <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/nomes-proprios-de-pessoa-introducao-a-antroponomia-brasileira-1614>. Acesso em: 24 jul. 2023.
- BIDERMAN, M. T. Léxico e vocabulário fundamental. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 40, pp. 27-46, 1996.
- BÖRSTELL, C. Types and trends of name signs in the swedish sign language community. *Sky journal of linguistics*, [S.l.], v. 30, pp. 7-34, 2017.
- BRASIL. Lei n. 10.436. Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Brasília, 24 de abril de 2002. Brasília: Senado Federal, 2002.
- BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 23 jun. 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. Estabelece normas para as eleições. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9504.htm. Acesso em: 23 jun. 2023.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Resolução nº 17, de 21 de setembro de 1989. Aprova o Regimento Interno da Câmara dos Deputados. Brasília, 1989. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/rescad/1989/resolucaodacamaradosdeputados-17-21-setembro-1989-320110-norma-pl.html>. Acesso em: 26 de jun. 2023.
- RODA Viva. Apresentado por Vera Magalhães. São Paulo: TV Cultura, 31 out. 2022, 22 h. Duração 97 min. Entrevista com Marina Silva. Disponível em: <https://youtu.be/VKYGLYjOvNg>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- RODA Viva. Apresentado por Vera Magalhães. São Paulo: TV Cultura, 08 ago. 2022, 22 h. Duração 108 min. Entrevista com Simone Tebet. Disponível em: <https://youtu.be/hqreRWEaRFI?list=PL6zZkMrBoEjyfLf7ezka6L0BRvvzfk8Rg>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- RODA Viva. Apresentado por Vera Magalhães. São Paulo: TV Cultura, 17 out. 2022, 22 h. Duração 94 min. Entrevista com Fernando Haddad. Disponível em: <https://youtu.be/VKYGLYjOvNg>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- RODA Viva. Apresentado por Vera Magalhães. São Paulo: TV Cultura, 17 out. 2022, 22 h. Duração 106 min. Entrevista com Ciro Gomes. Disponível

em: <https://youtu.be/V-8cDUXthpU?list=PL6zZkMrBoEjyfLf7ezka6L0BRvvzfk8Rg>. Acesso em: 27 jun. 2023.

- GILE, D. Basic concepts and models for interpreter and translator training. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- GOMES, E. A. Interpretação simultânea intermodal da Libras para o português em conferência acadêmica: em foco os nomes próprios nacionais ou nacionalizados de pessoas. Tradução em Revista, v.32, pp. 66-93, 2022.
- GUÉRIOS, R. F. M. Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Editora Ave Maria, 1973.
- JAKOBSON, R. Aspectos linguísticos da tradução. In: BROWER, R. (Ed.). Sobre Tradução. pp. 232-239. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959.
- MCKEE, R. L.; MCKEE, D. Name signs and identity in Deaf communities in New Zealand Sign Language. In: Melaine. Metzger (ed.) Bilingualism and Identity in Deaf Communities. Washington: Gallaudet University Press, 2000, pp. 3-40.
- NASCIMENTO, V.; NASCIMENTO, N. Interpretação do português para a Libras no programa Roda Viva da TV Cultura: aspectos e estratégias do trabalho em equipe. Revista (Com)Textos Linguísticos, v.15, n.32, pp. 128-148, 2021.
- NASCIMENTO, M. V. B. Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes, 2016, 318 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.
- PAALES, L. Name signs for hearing people. Folklore, Estônia, n. 47, pp. 43-76, 2011.
- QUER, J.; STEINBACH, M. Handling sign language data: the impact of modality. Frontiers in Psychology, v. 10, 2019, pp. 483-490.
- RECH, G. C.; SELL, F. S. F. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. *Onomástica desde a América Latina*, Cascavel, n.2, v.1, pp. 67-81, 2020.
- RECH, G. C. *Estudo dos nomes próprios de pessoas na Libras: Onomástica e Linguística Cognitiva em diálogo*. 2021. 249 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2022.
- RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. Revista da Anpoll, [S. l.], v. 1, n. 44, pp. 111-129, 2018.
- SALEVSKY, H. The Distinctive Nature of Interpreting Studies. Target. International Journal of Translation Studies, v. 5, n. 2, p. 149-167, 1 jan. 1993.

- SEABRA, M. C. T. C. Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL). Uberlândia: ILEEL, 2006. pp. 1953-1960.
- SEIDE, M. S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. Domínios de Lingu@gem, v. 10, n. 3, pp. 1146-1171, 2016.
- STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- ULLMAN, S. Semântica: uma introdução à Ciência do Significado. Lisboa: Fundação Calouste Gullbenkian, 1964.
- VAN LANGENDONCK, W. Theory and typology of proper names. Berlin: Walter de Gruyer, 2007.